

## “Feira de Cal em Burgos” – Raul Pederneiras e a época de ouro do trocadilho no Rio de Janeiro

Matheus Papiani<sup>1</sup>

Isabella Chiarioni Costa<sup>2</sup>

Orientador: Alexandre Medeiros<sup>3</sup>

(Co)orientador: Everaldo Rodrigues Morais<sup>4</sup>

Colaboradora: Fernanda Boccomino Abrão<sup>5</sup>

**Resumo:** Raul Pederneiras (1874-1953) foi escritor, jornalista e um autêntico multiartista, que se destacou em diversas artes. O artigo examina e discute sua atuação em uma de suas favoritas: a “arte” do trocadilho, muito na moda no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. Dedicamos especial atenção à coluna de Pederneiras na imprensa “Feira de Cal em Burgos”, dedicada a trocadilhos.

**Palavras Chave:** Raul Pederneiras. arte do trocadilho. “Feira de Cal em Burgos”.

**Abstract:** Raul Pederneiras (1874-1953) was a writer, journalist and a true multi-artist who excelled in various arts. This article examines and discusses his work in one of his favorite areas: the “art” of the pun, so in vogue in Rio de Janeiro in the late 19th and early 20th centuries. We analyze specially his newspaper column “Feira de Cal em Burgos”, dedicated to calembours.

**Keywords:** Raul Pederneiras. art of pun. “Feira de Cal em Burgos”.

### 1. Introdução: *calembour* ou trocadilho, esporte intelectual no início do século XX

Quem nunca brincou de trocadilho/calembur atire a primeira pedra. Hoje em dia é comum em várias plataformas, sites, canais de TV, redes sociais. Onde começou?

Primeiramente, trocadilho pode ser entendido como um jogo de palavras que apresentam o mesmo som, porém com significados diferentes, ocasionando equívocos. Um exemplo nos dias atuais é o do personagem Silas, taxista do humorista Marco Luque<sup>6</sup>.

Calembur, por trocadilho, é um galicismo. Hoje, a moda é imitarmos o inglês, empregando termos dessa língua, muitas vezes abusivamente, pois há em bom português, exatos correspondentes dos estrangeirismos importados, como é o caso de

<sup>1</sup> Aluno do 3º. Ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – [www.julioverne.com.br](http://www.julioverne.com.br)

<sup>2</sup> Aluna do 3º. ano do Ensino Médio do Colégio Luterano de São Paulo - [www.luterano.com.br](http://www.luterano.com.br)

<sup>3</sup> Pós – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

<sup>4</sup> Pós – Graduado em Metodologia de Ensino de Geografia. Licenciado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Professor do Centro de Estudos Júlio Verne.

<sup>5</sup> Bacharela e Licenciada em Letras Português pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP. Professora do Colégio Luterano de São Paulo - [www.luterano.com.br](http://www.luterano.com.br)

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=M5m2ecg8Tt4&t=9s> – acessado em 25/03/24.

*sale* em vez de liquidação, *off* em lugar de desconto, *crush* por “queda”, inclinação afetiva por alguém etc. No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, porém, a língua imitada com igual servilismo era o francês: era *chic* dizer por exemplo: *chauffeur* em vez de motorista, *bouquet* em vez de ramallete etc.

Alguns desses galicismos – apesar dos protestos dos puristas – acabaram por se naturalizar e hoje, ninguém se lembra de que um dia foram palavras importadas, como “massacre, buquê, descoberta, ligeiro, constatar e debutar”, para apontar alguns vocábulos contra os quais investe um purista em 1877 (cf. LAUAND 2023, 315).

O primeiro uso do calembur na língua portuguesa apareceu na imprensa em novembro de 1848, em do artigo Correio da Tarde, no Rio de Janeiro, “Pretende remendar o mundo! ... (mas) Coitado! Não sabe tomar as suas medidas.”

Essa mesma obra (pp. 314-315) nos adverte que um desses galicismos desnecessários era a palavra *calembour*, (por vezes abasileirada em “calembur”), que equivale exatamente a nosso “trocadilho”:

Assim, inicialmente, ao lado do nosso “trocadilho”, usava-se também *calembour*. Nesse sentido, o *Monitor Campista (Campos dos Goytacazes*, 9 de setembro de 1877) investe em sua coluna “Vícios de locução” contra uma série de galicismos desnecessários, entre os quais *calembour*, pois “já temos trocadilho”. Curiosamente, entre os francesismos a serem evitados por haver equivalente vernáculo, a coluna apontava: massacre, buquê, descoberta, ligeiro, constatar e debutar.

A primeira expressão com o rótulo de trocadilho a aparecer na imprensa é um jogo de palavras, um trava-língua publicado no *A Abelha do Itaculmy* (Ouro Preto, 16 de fevereiro de 1825): “O que eu digo bem o digo, se assim he o que eu digo, como he o que eu digo, o que eu digo assim he”. (...)

O primeiro trocadilho com o título de *calembour* em língua portuguesa (antes houve até publicação de trocadilhos em francês) aparece na imprensa em 21 de novembro de 1848 (...).

Nesta Introdução, não é descabida mais uma citação, para compreendermos como o trocadilho era apreciado em sua época de maior prestígio, precisamente quando florescia Raul Pederneiras – cujo sesquicentenário celebramos neste ano de 2024 – com sua célebre coluna “Feira de Cal em Burgos” (a expressão “Cal-em-Burgos” é, ela mesma, um “infame” trocadilho com “*calembur*”):

No final do século XIX e nos começos do XX dá-se a época de ouro desses jogos de palavras, com o “Pelé do trocadilho”, da roda de boêmios da confeitaria Colombo: Emílio de Menezes (1866-1918), imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Alguns de seus casos mais conhecidos são:

O poeta Guimarães Passos, tuberculoso, vivia lutando contra a doença. Quando publicou o livro *Tratado de versificação portuguesa*, Emílio não perdoou: “Desde que eu o conheço, ele tem tratado de ver se fica são”.

Depois de uma conversa com Emílio, Teixeira Mendes (um dos líderes do positivismo) despediu-se: “Até logo. Eu agora vou para o

apostolado”. Emílio retrucou de bate-pronto: “E eu vou para o lado oposto” (LAUAND 2023, 315-316).

Essa “época de ouro” do trocadilho é evocada, cerca de 30 anos depois, por um memorialista no jornal *A Noite* do RJ de 10/04/1930, destacando a importância da coluna de RP:

Um tempo houve – e vae tão longe – em que no Rio era uma verdadeira mania o trocadilho. Existiam, então, como hoje no *box* e no *foot-ball*, celebrizados campeões. Fez sucesso, por exemplo, uma secção de jornal que isso cultivava e que tinha por título *Feira de Cal em Burgos*. Hoje, o trocadilho perdeu muito de seu prestígio. Deixou de ser *chic*. Apenas os moços daquela época, num sentimento commovedor de conservantismo, continuam a praticar essa antediluviana fórmula de humorismo.

## 2. Raul Pederneiras multiartista e trocadilhista

Sendo autor conhecido e estudado, bastará para este artigo recolher breves dados biográficos, apresentados por exemplo, pelo “Escritório de Arte” (2024):

Raul Pederneiras (Rio de Janeiro RJ 1874 - Idem 1953)

Caricaturista, chargista, professor, pintor, escritor e dramaturgo. Formase em direito. Inicia a carreira de caricaturista em 1898, no diário em cores *O Mercúrio*, do Rio de Janeiro. Nessa época, começa também a publicar textos, como os versos *Com Licença*, em 1899, e *Versos Líricos*, em 1900. Desde então, não para de colaborar, com ilustrações e textos, em diversos periódicos de várias partes do país, como a *Revista da Semana*, *O Tagarela*, *D. Quixote*, *O Malho* e *Jornal do Brasil*, todos no Rio de Janeiro; *Correio Paulistano*, de São Paulo; e *Eco do Sul*, do Rio Grande do Sul. Em 1916, participa do 1º Salão dos Humoristas, no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Em 1918, torna-se professor de anatomia artística na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), na mesma cidade, cargo que abandona em 1938 pelo de professor de direito internacional na Faculdade Nacional de Direito da antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e que exerce até sua aposentadoria. Em 1924, reúne em um álbum suas caricaturas *Cenas da Vida Carioca*. Faz uma única individual de pintura, sobretudo aquarela, em 1926, no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Publica obras diversificadas, como os desenhos *Figurações Onomásticas* e a comédia *A Boa Haidéa*, ambos de 1928. Do mesmo ano é sua conferência ilustrada sobre *A Caricatura no Brasil*, também impressa. O segundo álbum das *Cenas da Vida Carioca* sai em 1934. Seguem-se a ele, ainda nos anos 1930, dois livros jurídicos de sucesso.

### Comentário Crítico

Raul Pederneiras integra, com J. Carlos (1884 - 1950) e K. Lixto (1877 - 1957), o trio mais conhecido da caricatura brasileira do início do

século XX. Inicia sua carreira sob a influência do caricaturista Julião Machado (1863 - 1930). É este quem, segundo o próprio Raul, introduz no país o desenho de contorno sem sombreado e um humor mais espirituoso. Essas duas características são mantidas na produção de Raul, ou Luar, O.I.S. (Oh! Yes!), Oscar, J., Xisto e Pan, seus pseudônimos. Os críticos sempre ressaltam em seu traço a espontaneidade, a ingenuidade, a clareza, a precisão, a leveza e a elegância. Seus personagens possuem uma graça que é sua marca registrada. Suas charges e desenhos não passam da ironia ou do humorismo, não têm maldade. Fazem rir, mas não são agressivos, o que combina com seu gosto e talento para o trocadilho, que pratica tanto no trabalho quanto na vida. Seu tema preferido, a cidade do Rio de Janeiro, com seus tipos e costumes, é adequado ao exercício desse humor. Em suas caricaturas e charges, Pederneiras explora da alta sociedade aos tipos de rua, como o mascate, o doceiro, o baleiro e tantos outros. Seus dois livros intitulados *Cenas da Vida Carioca* são os mais importantes de sua produção diversificada e volumosa. A única crítica que costuma receber refere-se às poucas mudanças de seu estilo. Com aproximadamente 50 anos de atividade, não houve grande alteração em seu traço, enquanto a moda, a vida e tudo o mais no Rio de Janeiro muda<sup>7</sup>.

Em uma entrevista que lhe fez José Teixeira de Oliveira ao jornal *A Noite* do RJ de 13/03/1945, na qual celebra RP como “espírito multiforme”, o primeiro título é “Raul Pederneiras considera o trocadilho uma doença incurável porque é de nascença”.

José Teixeira de Oliveira: “Vamos então, professor, à autêntica mania”. Pederneiras confirma:

- Mania, propriamente, dizem que é o trocadilho. Há muito exagero nisso. Atribuem-se a paternidade de muito filho incógnito... Esta história de trocadilho tem tal força que, muitas vezes, noto, da parte dos que falam comigo pela primeira vez, a decepção amarga pela falta do esperado trocadilho. Mas podem se convencer os possíveis interessados de que trocadilho, no que me diz respeito, não é mania – é enfermidade. Incurável, porque é de nascença. Seria esta a minha única mania, se procedesse a acusação.

Como vimos ao longo dos anos, foi muito discutido nos jornais a presença de Raul nas charges e seu impacto na língua brasileira. Desde sua primeira aparição em 1848<sup>8</sup> até 1930<sup>9</sup>, percebemos que o trocadilho perdera a graça, o prestígio e “apenas os moços com um sentimento comovedor de conservantismo continuam a praticá-lo”.

José Teixeira de Oliveira, porém, no jornal *A Noite* de 13-03-1945, mostra sua indignação com o esquecimento de Pederneiras.

---

<sup>7</sup>. ESCRITÓRIO DE ARTE - <https://www.escriitoriodearte.com/artista/raul-pederneiras> - acesso em 25/04/2024.

<sup>8</sup>.BN,<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=616028&pesq=%22calembour%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=1027> – acessado em 25/03/2024.

<sup>9</sup>.BN,[https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970\\_03&pesq=%22cal%20em%20burgos%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=756](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&pesq=%22cal%20em%20burgos%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=756) – acessado em 11/04/2024.

...em qualquer época seria uma personalidade marcante tal a sua pujança do seu espírito multiforme, tem para nós mais o encanto de um autêntico e legítimo representante daquela geração mais que brilhante do fim do século passado [...] Raul Pederneiras e tantos outros talentos que encheram páginas e páginas de nossa história literária e artística.

Pederneiras sempre usou o lado humorístico e sarcástico da língua, causou muita repercussão por sua ironia e coragem. Será que hoje faria sucesso? Carlos Drummond de Andrade, em artigo comemorativo do centenário de Raul Pederneiras no *Jornal do Brasil* do RJ de 15/08/1974, fala de seu talento com trocadilhos, hoje arte menos valorizada: “Seus trocadilhos não fariam sucesso, no sofisticado humorismo de hoje”.

Acreditamos que boa parte do humor brasileiro, que impacta até os dias atuais, não poderia se formar sem a influência e a disseminação das charges de Pederneiras, que foi o precursor do trocadilho. A base do humor de muitos livros de prosa e poesia tem o *calembur* como base e são essenciais para o entendimento de algumas obras. Talvez percebamos a decadência intelectual que o mundo enfrenta. “Estamos vivendo num tempo em que as flores tentam viver de flores, e não com a boa chuva e o húmus preto” (BRADBURY, 2020, p.108).

### 3. Raul Pederneiras e sua coluna de trocadilhos: “Feira de Cal em Burgos”

São conhecidos da caricatura brasileira do início do século XX, intelectuais e boêmios, homens como Calixto Cordeiro, Raul Pederneiras e J. Carlos, [que] souberam transpor para o traço, as mutações do Rio de Janeiro da *Belle Époque* (CARVALHO, 2023, p. 30).

A passagem de um automóvel oficial (6/11/1909)<sup>10</sup>.



a aparição do espectro, ou mais vulgarmente, a passagem de um automóvel oficial.

Fonte: <[https://www.gov.br/bn/pt-br/atuacao/pesquisa-e-editoracao/programa-nacional-de-apoio-a-pesquisa/pnap-2007/giovanna\\_dealtry.pdf](https://www.gov.br/bn/pt-br/atuacao/pesquisa-e-editoracao/programa-nacional-de-apoio-a-pesquisa/pnap-2007/giovanna_dealtry.pdf)> - acesso 20/08/2024

Passados cerca de 30 anos, evocando o “Rio de Hontem”, o escritor Bastos Tigre (“Correio da Manhã” RJ, 23-09-1934) recorda com detalhe R P e sua paixão pelos trocadilhos:

<sup>10</sup> A agilidade da *charge* e a fluidez do traço marcam o estilo de Calixto Cordeiro (K. Lixto), quando retrata a passagem de um automóvel oficial em alta velocidade pelas avenidas do Rio e os transeuntes caindo pelo chão (CARVALHO, 2023, p. 30).

No salão [de “O Papagaio”, um dos cafés frequentados por Raul e outros boêmios da época (virada do século 19 para o 20), junto com a célebre “Colombo” e outros *points* de então] vamos encontrar Calixto e Raul que fazem os seus bonecos [de sua revista “O Tagarela”] e trocadilhos.

São os novos do dia. Depois do “Mercurio” Natimorto, redigem com Peres Júnior, o “Tagarella”, onde desenham, além deles, A. Santos (Falstaff) e Bibi. Os outros desenhistas de nome São Angelo Agostini, já em franca decadenciaphysica, Belmiro de Almeida, Arthur Lucas, Crispin do Amaral e Amaro seu irmão, Malagutti, Isaltino Barbosa e Renato de Castro.

O trocadilho é a mania da moda; é uma das belas artes ou quase; dizer de um bom trocadilhista é dar-lhe diploma de talento.

O Tagarella mantém uma secção Feira de Cal em Burgos, a mais estimada da revista, especialmente destinada aos jogos de vocábulos. E os há horríveis! Simas estudante de architectura fal-os infamerrimos:

- Que opera levam hoje?

- Iris

- Acho bom não ires. Ou então:

- Havia hontem muitos carros em frente ao S. Pedro

- Era o Lyrico escripto e escarrado

Commentava o Calixto:

- Este Simas é bom rapaz

- E, sim, mas faz trocadilhos - objectava o Raul

A maior parte dos calemburgos perpetrados (era como se dizia então), dava uma ideia da nossa deplorável mundicidade humanística.

A verdade é que, no humorismo, como em tudo mais, estávamos ainda em fraldas.

No depoimento acima, mais uma vez a consideração depreciativa do trocadilho (tão “infame” que era “perpetrado”) e a notícia da então célebre e apreciadíssima coluna de trocadilhos de Raul Pederneiras “Feira de Cal em Burgos”, em “O Tagarela”.

A expressão “Feira de Cal em Burgos” tornou-se célebre graças a Raul, mas certamente não foi ele que a cunhou: a expressão aparece por primeira vez, em 31 de agosto de 1885, como título de uma (efêmera) coluna do carioca “Diário de Notícias” (Raul Pederneiras estava então com 11 anos de idade...), assinada por um tal Cadete Estevão (K.D.T.S. Tevão), com meia dúzia de esparsas aparições (em um mês, junto com uma isolada em 8-12-1886) e depois desaparece completamente da BN – abreviatura que empregaremos para o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

“Cal em Burgos” é um trocadilho muito fraco – que sentido pode ter uma feira de cal na cidade espanhola de Burgos? Passado o impacto da coluna de Pederneiras na última década do séc. XIX e na primeira do séc. XX, a própria expressão cai em desuso e esquecimento: de 1920 a 1939 só há meia dúzia de incidências de “Feira de Cal em Burgos” na BN. A expressão decadente ganha 15 escassas incidências nos anos 1940, entre as quais a surpreendente tentativa do próprio Raul – insaciável em matéria de seus trocadilhos – de ressuscitá-la, no Jornal do Brasil – RJ (21-09-1944 e ss.), sob o pretexto de escrevê-la “para uma coletânea”! Neste caso é RP, quem assina a coluna, que afinal, sempre foi sua. Na segunda metade do século XX, a BN já não fala mais de “Feira de Cal em Burgos”.

Como apontam os dois memorialistas, a matriz da coluna “Feira de Cal em Burgos” estava em “O Tagarela” e a assinatura “Nós Todos”, indica que aceitava alguma inserção de piadas de colegas, mas os autores principais eram Pederneiras e seu inseparável parceiro de caricaturas e trocadilhos: Calixto. Todo mundo sabia que a “Feira de Cal em Burgos” era sobretudo de autoria de RP. Assim, muitos anos depois, em 9 de agosto de 1942 no Jornal do Brasil - RJ, ao se fazer uma crítica da peça “Sinal de Alarme”, de Raul, diz-se:

De vez em quando repontam os trocadilhos engenhosos do incorrigível Raul, que ha tantos anos se celebrizou com a sua Feira de Cal em Burgos.

E na já citada entrevista de José Teixeira de Oliveira a RP (1945), este informa que está aprontando um livro, reunindo seus trocadilhos, que terá por título: “Feira de Cal em Burgos”.

Souza Silva (2011) em seu estudo sobre o trocadilho, simplesmente atribui a Pederneiras a autoria dos trocadilhos que cita, provenientes da coluna “Feira de Cal em Burgos”.

A coluna do semanário “O Tagarela” é a mais duradoura e faz pequenas exportações para outros periódicos da época: “Jornal do Brasil”, “Gazeta de Noticias”, “Revista da Semana” etc. Aquela, distingue-se por conter somente texto; nestas, o texto vem frequentemente acompanhado de caricaturas, como a do “Jornal do Brasil” de 16-03-1906:

Tal fidalgo foi conde-corado

E hoje é conde-pálido



A coluna de “O Tagarela” é herdeira de uma página homônima de “O Mercurio” (26/07/1898), jornal de apenas 2 páginas e de breve existência.

Centremo-nos na análise da coluna “Feira de Cal em Burgos”, emblemática da febre trocadilhista carioca naquele alvorecer do século 20. A Coluna já integra o No. 1 de “O Tagarela” (01/03/1902) e traz sete trocadilhos: só de texto, sem ilustrações. Um par de exemplos:

- Vou tomar aguas *thermaes* em Minas.
- Espera, menino, deixa Minas *ter mais* aguas.

Na mesma coluna anuncia o desaparecimento do cão do ator Mattos.

É para não ficar o Mattos sem cachorro,

Do número 2 (8-03-1902), um exemplo:

N’um armarinho.

- Venho pedir-lhe os dez mil réis que o Sr. oferece aos transeuntes.
- Que ofereço? É boa! Onde vio isso?
- Na porta. Em cima das amostras está um cartão bem legível: Peça 10\$000, e por isso vim pedil-os.

No número 3, também a meia dúzia de piadinhas, sem nenhuma que mereça destaque. No número 4, quatro trocadilhos medíocres.

No número 5, uma tirada de excepcional qualidade:

- [Ela] é uma mulher de talento.
- Ora adeus. Há milhares de mulheres melhores...

Nada a destacar no No. 6; o No. 7 não traz a coluna; no No. 8, nada a destacar.

No No. 9, temos alguns trocadilhos interessantes:

O Gastão entra hontem na redacção, com a cópa do Chapéu a dar, a dar, como um catavento.

O Raul, muito depressa:

- Olhem a Copa qu’abana

O Calixto, pensativo:

Não sei porque me dóe o pescoço quando os pés coço...

D’aquí à Gavea a pé é um bom pedaço.

E é preciso ter um pé d’aço.

A coluna prossegue (com algumas ausências) até o número 29 de “O Tagarela” (13-09-1902), num total de 29 edições e cerca de 100 trocadilhos, em geral de sofrível qualidade.



Em 5 de fevereiro de 1903, “Tagarela”, em seu No. 50 lavra um “atestado de óbito” da coluna:

Felizmente tivemos a bella idéia de extinção da feira de cal em burgos que ia produzindo uma maluquice geral na mioleira pensante desta terra.

#### 4. Considerações finais

Neste percurso, procuramos evidenciar o valor do trocadilho como uma linguagem multifacetada, a qual nos possibilita decodificar uma diversidade de elementos expressos pelo indivíduo. Esperamos ter mostrado suficientemente o breve momento – na virada do século XIX para o século XX – de extraordinária valorização do trocadilho como arte da linguagem nos salões cariocas. Esses jogos de linguagem, posteriormente, passaram a ser menosprezados, considerados arte menor. O fato de ter havido essa época de ouro parece-nos ter sido a razão da existência de alguns trocadilhos realmente brilhantes, “perpetrados” por grandes frasistas como Emílio de Menezes, Paula Nei, o próprio Raul Pederneiras etc. e celebrados pela boêmia carioca.

Esse esplendor, porém, não se mantém sem a produção em quantidade de novos *calembours*. Raul Pederneiras, Calixto e a revista semanal “O Tagarela” bem que tentaram atender a essa demanda com a coluna “Feira de Cal em Burgos”, que em vinte edições em seis meses (de março a setembro de 1902) só conseguiu – com raras exceções – oferecer cerca de cem peças, em geral medíocres, e tornou-se inevitável a decadência do trocadilho como arte.

Ficou, porém, a lembrança das poucas tiradas geniais e das figuras lendárias que as criaram e que foram celebradas por memorialistas, décadas depois. Mero saudosismo, que esconde que a trajetória do trocadilho, em geral, na vida cultural carioca não teve esse mesmo brilho.

Raul Pederneiras foi um artista completo, grande mestre dos trocadilhos, caricaturista e ilustrador. Seja como for, tem seu lugar assegurado nas letras e na história da imprensa brasileira como grande autor, cujo sesquicentenário quisemos celebrar destacando, seu lado trocadilhista e sua coluna “Feira de Cal em Burgos”, que até agora, não tinha sido estudada entre nós.

#### Referências

ESCRITÓRIO DE ARTE “Raul Pederneiras”. 2024 Disponível em <https://www.escrioriodearte.com/artista/raul-pederneiras>

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima*, São Paulo: Globo, 2020

BN, Biblioteca Nacional. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA - <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx> - acesso em 2024

CARVALHO, Yasmin Lima de. *O fenômeno da atrofia da experiência na literatura de João do Rio*, Dissertação - Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro: UERJ, 2023

LAUAND, Jean, *Pequeno dicionário filosófico e sociológico de expressões brasileiras*. 1. ed. São Paulo: Enguaguaçu, 2023.

SOUZA SILVA, R. “Entre caricaturas e trocadilhos: Raul Pederneiras e seu passeio pelas linguagens” Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, julho 2011 - [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308237896\\_arquivo\\_entre\\_caricaturas\\_e\\_trocadilhos-anpuh-2011\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308237896_arquivo_entre_caricaturas_e_trocadilhos-anpuh-2011[1].pdf) - 2011

Recebido para publicação em 20-08-24; aceito em 11-09-24